

A RECATEGORIZAÇÃO DO FEMININO, DO MASCULINO, DO CASAMENTO E DA MORTE, NO POEMA PAPAI, DE SYLVIA PLATH

THE RECATEGORIZATION OF FEMININITY AND MASCULINITY, MARRIAGE AND DEATH, IN THE POEM PAPA, BY SYLVIA PLATH

Brenda Lima dos Santos¹
Hylo Leal Pereira²

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar o poema Papai, de Sylvia Plath, reconhecendo o processo de recategorização dos elementos: do feminino, do masculino, do casamento e da morte, encontrados em sua escrita, a partir de princípios da Linguística Textual. Para isso, a análise foi fundamentada no conceito de texto por Beaugrande (1997), referência e categorização por Mondada e Dubois (2003), recategorização cognitivo-discursiva (LIMA; CAVALCANTE, 2015; LIMA, 2009), além das noções de contexto de Bentes e Rezende (2008) e de leitura complexa de Franco (2011). Esta pesquisa é de natureza qualitativa e documental, tendo por base o livro Ariel (2015). Por meio dela, busca-se compreender o fenômeno da recategorização dos elementos referidos, salientando a importância das interpretações deste evento textual no processo de ressignificação e de construção de sentidos. Constatou-se que a recategorização dos elementos textuais apresenta-se como um amplificador de sentidos do texto estreitamente relacionado à interação promovida pelos múltiplos sistemas que concorrem no processo complexo de leitura.

PALAVRAS - CHAVE: Recategorização. Feminino. Masculino. Casamento. Morte.

ABSTRACT: The objective of this article is to analyze the poem Papa, by Sylvia Plath, recognizing the process of recategorization of the elements: the feminine, the masculine, marriage, and death, found in her writing, from principles of Textual Linguistics. For this, the analysis was based on the concept of text by Beaugrande (1997), referencing and categorization by Mondada and Dubois (2003), cognitive-discursive recategorization (LIMA; CAVALCANTE, 2015; LIMA, 2009), in addition to the notions of context by Bentes and Rezende (2008) and complex reading by Franco (2011). This research is qualitative and documental in nature, based on the book Ariel (2015). Through it, it seeks to understand the phenomenon of recategorization of the referred elements, highlighting the importance of the interpretations of this textual event in the process of resignification and construction of meanings. It was found that the recategorization of textual elements shows up as a amplifier of the textual meaning and it is straightly relationed to the interaction promoted by multiple systems who co-occur in the complex reading proces.

KEYWORDS: Recategorization. Feminine. Masculine. Marriage. Death.

¹ Licencianda em Letras - Português pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: brendalimass@gmail.com.

² Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: hyloleal@gmail.com.

Introdução

Sylvia Plath foi uma escritora norte-americana conhecida principalmente por sua poesia confessional, estilo caracterizado por uma composição na qual há a presença da expressão da intimidade da vida pessoal do poeta, através das emoções, experiências, sentimentos e elementos presentes em sua vida que são representados em sua poesia.

Durante a escrita de seus poemas é possível notar muito da subjetividade da autora, um fato bastante relevante é a presença da morte dentro de seus textos, assim como em sua vida. Plath cometeu suicídio alguns meses antes da publicação do livro *Ariel* (2015), assim, a maioria de seus poemas finais, presentes no livro, abordam a temática morte/vida.

Plath utilizou, em seus poemas, inúmeros arquétipos para criticar o caos que é a sociedade moderna, algo que pode ser facilmente notado na imagem da mulher judia oprimida pelo homem nazista, que aparece constantemente em seus poemas. Dessa forma, o arquétipo do opressor na poesia da autora foi utilizado, muitas vezes, para representar seus vínculos com seu pai e seu marido.

Durante a leitura do poema *Daddy*, cuja tradução foi feita por Lopes e Macedo (2015) como *Papai*, percebe-se que a autora problematiza as questões sociais e históricas vinculadas ao holocausto e à história de submissão das mulheres.

Nota-se que a poeta internaliza a problemática moral e política de seu tempo e a vivencia pessoalmente dentro de seu texto, por isso, o eu lírico se identifica como judia, mulher oprimida e vítima da sociedade e do holocausto. Partindo dessas afirmações, temos como objetivo, por meio deste estudo, analisar a forma como a autora conseguiu ressignificar e recategorizar elementos como o feminino, o masculino, o casamento e a morte. Para tanto, utilizaremos como base a tradução do poema *Daddy* feita por Garcia e Macedo no livro *Ariel* (2015).

A análise linguístico-textual será realizada a partir da perspectiva de texto como evento comunicativo (BEAUGRANDE, 1997), dos conceitos de referenciação e categorização (MONDADA; DUBOIS, 2003), e de recategorização, (LIMA; CAVALCANTE, 2015; LIMA, 2009). Consideramos ainda a noção de contexto, de Bentes e Rezende (2008), e de leitura complexa, de Franco (2011), para a (re)construção do sentido ao longo da exploração do poema em análise.

O presente artigo está dividido em cinco seções: na sequência a esta introdução, apresentamos a fundamentação teórica que serve de base à elaboração das análises; a metodologia empregada neste estudo; a seção dedicada às análises do poema, esta, por sua vez, subdividida em dois grupos temáticos: feminino e masculino; casamento e morte. Na última

seção trazemos as conclusões às quais chegamos após a análise do poema e apresentamos as considerações finais.

Fundamentação teórica

A leitura e análise de textos literários por si só já apresenta uma carga de complexidade bastante elevada, pois, diferentemente de um texto científico, que lida com fatos e busca comprová-los, o texto literário está para além da comprovação. É com base nesse e outros motivos que, para obter êxito na análise linguística e não nos desviarmos desta modalidade, julgamos adequada adoção do conceito de texto exposto por Beaugrande (1997, p. 10) como “um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas, e sociais”.

Tomando o texto como um evento, julgamos pertinente a adoção de uma abordagem complexa de leitura. Sob essa perspectiva, a linguagem é vista como um processo de interação, em que a “ênfase está na interação leitor-texto e o ato de ler”. (FRANCO, 2011, p.30). Portanto, a leitura é vista além de um processo perceptivo e cognitivo, como uma atividade social, levando em consideração a existência de “múltiplos agentes (leitor, autor, texto, contexto social, contexto histórico, contexto linguístico, conhecimento de mundo, frustrações, expectativas, crenças etc.)” (FRANCO, 2011, p.41) que afetam o processo de leitura.

Deste modo, entendemos que, muito além do que está escrito, o texto compreende um multissistema interativo, logo, os sentidos a partir dele produzidos não se detêm às palavras, frases e orações que o constituem. Por isso, existe uma relação entre o contexto, o cotexto e o texto. Compreendendo o contexto como “*frame* que envolve um determinado evento/objeto, mas que principalmente, fornece subsídios para uma interpretação adequada deste evento.” (BENTES; REZENDE. 2008. p.36); o cotexto como a dimensão material da linguagem, “o modo como a fala mesma simultaneamente invoca contexto e fornece contexto para outra fala” (BENTES; REZENDE. 2008. p.36 *apud* KOCH, 2009. p. 23) e o texto sendo o resultado da interação dos diversos sistemas contextuais, cotextuais somados à interpretação do leitor e o processo que precede a sua compreensão. Dito isso, o texto, assim como a linguagem, nunca é único. O entendimento depende do sujeito e de seu conhecimento sobre o texto, portanto, as versões dos diferentes sujeitos são ajustadas para corresponderem aos diferentes graus de entendimento, interpretação e detalhamento (BEAUGRANDE, 1997).

Percebemos que a leitura de qualquer texto é um processo preenchido por pessoas que possuem identidades sociais, culturais e individuais, além de conhecimentos e crenças, objetivos e necessidades que interagem entre si e se definem social e culturalmente. (BENTES;

REZENDE. 2008. p.35 *apud* SCHIFFRIN, 1994, p. 364). Dessa forma, compreendendo o texto como evento e a leitura sob uma abordagem complexa, devemos ter em mente, a partir de uma perspectiva sociocognitivista de linguagem (SALOMÃO, 1999; MARCUSCHI, 2008; KOCH, 2009), que as palavras não funcionam como etiquetas para a nomeação dos objetos do mundo. Na verdade, como Mondada e Dubois afirmam

O discurso aponta explicitamente para a não-correspondência entre as palavras e as coisas, e a referenciação emerge da exibição desta distância, da demonstração da inadequação das categorias lexicais disponíveis - a melhor adequação sendo construída por meio de sua transformação discursiva. (MONDADA; DUBOIS, 2003. p.123).

Portanto, durante o ato leitor, devemos entender que os significados das palavras vão além da referencialidade apontada pelo dicionário. As palavras, na verdade, caracterizam-se como pistas, cujo sentido é construído no ato da leitura com base nas relações contextuais que emergem e são incorporadas e nos conhecimentos mobilizados pelo leitor. Em certos gêneros textuais, como o poema, essa não-correspondência entre as palavras e os objetos do mundo ganha ainda mais potência, dadas as relações discursivas próprias de produção e circulação desses gêneros. Nos termos de Mondada e Dubois (2003, p.124) “o ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo adequadas a este contexto”.

Tratando mais detidamente do fenômeno de recategorização, pautado em uma perspectiva sociocognitiva de texto amplamente assumida pela Linguística Textual e na visão de referenciação de Mondada e Dubois (2003), consideramos coerente a assunção da abordagem cognitivo-discursiva da recategorização (LIMA; CAVALCANTE, 2015; LIMA, 2009).

Compreendida por "uma evolução nos parâmetros de definição [do fenômeno de recategorização]" (LIMA; CAVALCANTE, 2009, p. 297), a abordagem cognitivo-discursiva compreende que além das relações estritamente cotextuais,

o processo de recategorização *não* necessariamente é homologado por uma relação explícita entre um item lexical e uma expressão referencial recategorizadora na superfície textual estando a sua (re)construção, em maior ou menor grau, sempre condicionada pela ativação de elementos inferidos do plano contextual. (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 300, grifo nosso).

ou, nos termos de Marcuschi e Koch (1998, p. 46), “a recategorização acha-se fundada num tipo de remissão a um aspecto co(n)textual antecedente que pode ser tanto um item lexical como uma ideia ou um contexto que opera como espaço informacional (mental) para a inferenciação”.

Por meio da adoção dessa abordagem, ampliam-se potencialmente as possibilidades de percepção da recategorização no âmbito na análise textual, uma vez que, a partir dela, como pontuado acima, no processo de construção de sentido, o leitor vale-se de múltiplos elementos para caracterização dos referidos processos de recategorização, incluindo aí elementos que não estão linguisticamente explicitados no texto, de modo que essa transformação de sentido, ou recategorização, não ocorre necessariamente em um momento claro de *insight* durante a leitura do texto. Pelo contrário, ela tende a ocorrer processualmente, à medida que novas pistas são dadas por expressões referenciais que contribuem para que o leitor venha a compor novos sentidos e novas referências.

À vista disso, o processo de recategorização, entendido e analisado neste artigo, compreende as relações cognitivo-discursivas desencadeadas pelos textos a partir de um processamento leitor³ complexo que se dá de forma situada, de modo que as relações contextuais são compreendidas em medida forte para a construção dinâmica do sentido pelo leitor.

Assim, o contexto no qual o leitor está envolvido influencia o desenvolvimento desses processos, por isso as leituras realizadas pelos indivíduos são diferentes. Essa diferença pode mostrar-se reducionista em relação aos múltiplos sentidos do texto, quando ele é compreendido como sendo apenas um artefato, uma materialidade escrita que deve ser decodificada/interpretada, sendo composta por palavras que possuem significados únicos, correspondentes diretos entre elas e as coisas; ou atualizá-lo, quando parte-se do entendimento de que os elementos textuais, durante o processo leitor, se recategorizam ao ponto de serem ressignificados. A perspectiva teórica trazida por nós para a discussão busca evidenciar esse processo de atualização/ampliação dos sentidos do texto.

Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa por tentar compreender o fenômeno da recategorização dos elementos dentro do texto, salientando a importância das interpretações deste evento no processo de ressignificação. Além de qualitativo, este estudo se caracteriza por ser uma pesquisa documental, já que se utilizou de um documento, o livro *Ariel* (2015), como fonte de informação.

Com o objetivo de contribuir com o entendimento da análise, disponibilizamos abaixo o poema Papai, presente no livro *Ariel*, na íntegra.

³ em termos beaugrandianos.

Papai

Agora chega, papai, agora chega
De você, sapato preto
Onde vivi feito um pé
Por trinta anos, pálida e pobre,
Mal podendo respirar ou espirrar.

Papai, bem que eu quis te matar.
Você morreu antes que eu tivesse tempo –
Mármore pesado, saco cheio de Deus,
Estátua pálida de dedo cinza,
Imenso como uma foca em São Francisco

E uma cabeça no Atlântico esquisito
Sobre o azul onde verte sua verde semente
Nas águas próximas à bela Nauset.
Eu costumava rezar para te curar. Ach, du.

Na língua alemã, na cidade polonesa
Arrasada pelo rolo compressor
Das guerras, guerras, guerras.
Mas o nome da cidade é bem vulgar.
Meu amigo polaco

Diz haver uma ou duas dúzias.
Por isso nunca pude saber onde você
Meteu seu pé, sua raiz,
Nunca pude conversar com você.
A língua presa no maxilar.

Na armadilha de arame farpado.
Ich, ich, ich, ich.
Mal podia me exprimir.
Pensava que todo alemão era você.
E a linguagem obscena

Um motor, um motor
Me cuspindo como uma judia.
Uma judia com destino a Dachau, Auschwitz, Belsen.
Dou para falar como uma judia.
Vai ver sou mesmo uma judia.

As neves do Tirol, a cerveja clara de Viena
Não são muito puras ou verdadeiras.
Com meu sangue cigano e minha estranha sorte
E meu baralho de Tarô, meu baralho de Tarô
Posso muito bem ser uma judia.

Sempre tive medo de você,
Com sua Luftwaffe, seu linguajar posê.
E seu bigode asseado,
Seu olho ariano, azul forte.
Homem-panzer, homem-panzer, ah, você –

Em vez de Deus, uma suástica
Tão negra que nem o céu podia atravessar.
Toda mulher adora um fascista,
A bota na cara, o bruto
Bruto coração de um bruto como você.

Você está diante do quadro-negro, papai,
Na foto que ainda tenho de você,
Cova em seu queixo ao invés de seu pé,
Mas não menos demônio, sem porquê,
Não menos o homem negro que

Mordeu meu coração em dois lugares.
Tinha dez anos quando o enterraram.
E aos vinte tentei morrer
E voltar, voltar, voltar para você.
Achei que até os ossos iam querer

Mas me tiraram da cama,
Com cola foram me refazer.
Então soube o que fazer.
Fiz um modelo de você,
Um homem de preto com um quê de Meinkampf

E uma queda pela roda dos suplícios.
E eu disse chega, chega de você.
Papai, estamos quites enfim.
O telefone preto desligado da raiz,
As vozes não têm como se infiltrar.

Se matei um homem, matei dois, vê? –
O vampiro que disse ser você
E bebeu meu sangue por um ano, sete
Anos, se você quer saber.
Papai, pode deitar agora se quiser.

No seu coração preto e obeso tem uma estaca
E os aldeões nunca gostaram de você.
Eles estão dançando e pisando em você.
Eles sempre souberam que era você
Papai, papai, seu puto, eu acabei.

As análises, presentes na próxima seção, contam com recortes do poema. Os trechos selecionados são aqueles que contribuem para a percepção dos processos de recategorização para as temáticas do feminino, do masculino, do casamento e da morte. O leitor atento perceberá que não serão listados todos os processos de recategorização presentes no poema, apenas os que foram pinçados para a constituição do corpus de observação desta pesquisa, dada a simbologia desses elementos para o aprofundamento da compreensão do poema, segundo a visão dos autores.

A recategorização em Papai

Ao analisarmos o poema sob a perspectiva de Beaugrande (1997), um conceito essencial a ser discutido é o de *textualidade*. Segundo o autor, textualidade é aquilo que faz um texto ser texto, ou seja, é a qualidade essencial de todos os textos como uma realização humana. Desta forma, o envolvimento dos participantes do discurso pode ser considerado um dos núcleos do texto, já que, também conforme o linguista, “um texto não existe como texto até ser processado por alguém” (BEAUGRANDE, 1997. p. 13).

Outro aspecto interessante a ser ressaltado no processo de análise é o significado das palavras. O livro *Ariel* (2015) foi publicado postumamente, logo, durante a escrita da maioria dos poemas, a autora se encontrava na última fase de sua poesia. Nota-se que este é um momento de ruptura, em relação à figura masculina, principalmente em relação ao pai e ao marido.

Em relação ao contexto, a autora traz para o interior do poema o seu contexto político, social, familiar e histórico, o que influencia sua escrita. O poema *Papai* é um exemplo, pois a infância da poeta, perpassada por um grande interesse pela escrita, é marcada por um acontecimento em particular: a morte do pai, Otto Plath, quando ela tinha nove anos.

Logo, entende-se, partindo do exposto acima, que o texto é um processo que gera coerência a partir da recategorização dos elementos por meio das pistas textuais. O sentido do texto, a coerência, por sua vez, emerge conforme o leitor realiza o processamento do texto, sua leitura e a mudança de pólos durante a recategorização. Então, sem acesso ao contexto histórico ou sem uma pequena introdução referente à escrita da autora, possivelmente o leitor não conseguiria entender a obsessão do eu lírico pela morte e pelo pai, o que prejudicaria a construção dos sentidos do texto e dificultaria ao interlocutor a percepção da recategorização dos elementos presentes no poema.

A recategorização da filha (feminino) e do pai (masculino)

O título do poema, *Papai*, nos traz a dimensão familiar, doce e amorosa. Principalmente pelo fato de que a autora escolheu a forma carinhosa como as crianças se referem ou chamam o pai. E é de forma infantil que o eu lírico começa o primeiro verso “Agora chega, papai, agora chega”, como uma criança birrenta que não tolera mais algo que a figura paterna está fazendo.

Em seguida, no decorrer da estrofe, temos os versos: “De você, sapato preto / Onde vivi feito um pé / Por trinta anos, pálida e pobre, / Mal podendo respirar ou espirrar.”. Nesses versos podemos encontrar as primeiras pistas que constituirão a recategorização da figura feminina que constitui o eu lírico. “De você, sapato preto”, a autora constrói, com esses versos, a imagem de uma criança que, ao remeter o campo de visão aos pés do pai, metaforicamente representa alguém que está subjugado a sempre curvar a cabeça. Por esta razão, a figura do feminino é compreendida como *submissa* ao masculino. Outra imagem possível de ser visualizada é a criança estando embaixo do sapato, presa, sendo esmagada, o que a cerceia de todo tipo ação, metaforicamente representada no poema por “respirar ou espirrar”, o que reforça a ideia de submissão / subjugação do feminino ao masculino.

Essas pistas contribuem também de forma essencial para entendermos que o pai, neste poema, não é uma figura querida, mas uma pessoa indesejada, cuja presença remete a dor e sujeição. Nos versos seguintes a autora nos comprova que o pai não representa a figura estereotipada do herói, pelo contrário, ele é um monstro tirano. Dessa maneira, ela realiza a recategorização da figura paterna através de inúmeras pistas textuais presentes no poema, para que possamos reconstruir o sentido por ela pretendido.

Mármore pesado, saco cheio de Deus, / Estátua pálida de dedo cinza, Imenso como uma foca em São Francisco[...] Mal podia me exprimir. / Pensava que todo alemão era você. [...] / Sempre tive medo de você, / Com sua Luftwaffe, seu linguajar posê. / E seu bigode asseado, Seu olho ariano, azul forte. / Homem-panzer, homem-panzer, ah, você [...] (PLATH, 2015, p.211).

A partir desse excerto, entendemos que a figura do pai é recordada como uma grande estátua imponente. Nota-se a escolha das palavras: estátua pálida, mas que possui o dedo cinza. O destaque ao dedo nos remete à noção de autoridade e dominação. Assim, o pai, deus, demonstra ter controle daqueles que o devem adorar. Por esta razão, a figura do primeiro herói, que é o estereótipo de pai na cultura ocidental especialmente sob a perspectiva dos filhos, é recategorizada como um *deus opressor*, um verdadeiro tanque de guerra: “homem-panzer” que,

por associação, reforça a ideia de tirania que vai sendo construída discursivamente pelo eu lírico.

Nos próximos versos, temos a dicotomia opressor x oprimido, ilustrada através da dificuldade de comunicação do eu lírico em relação ao pai: "Nunca pude conversar com você./ A língua presa no maxilar". Além de autoritário e tirano, como vimos anteriormente, o pai é recategorizado como Hitler. Podemos perceber essa recategorização através das pistas peculiares do líder nazista, como o bigode e o discurso de que a raça ariana era superior. Contudo, destaca-se, a escolha da palavra "*Meinkampf*", título do livro escrito por Adolf Hitler, que nos fornece a possibilidade da recategorização do pai como a figura do Führer da Alemanha Nazista. Dado que o eu lírico faz um modelo do pai, ela busca um outro homem, o marido, que seja parecido com a figura paterna, por isso, ele precisa desse "quê de *Meinkampf*", já que o pai era essa figura original: "Fiz um modelo de você, / Um homem de preto com um quê de *Meinkampf*".

Até aqui, percebemos que o feminino é recategorizado cognitivo-discursivamente, não como um ser do sexo diferente do masculino, mas como alguém que pode ser esmagado pelo masculino, representado pela imagem de um deus tirano, que oprime os outros que são diferentes dele e da sua raça. À vista disso, a opressão culmina em mudez perante a altivez da figura masculina.

Na sequência dos versos, a subjugação do eu lírico perante a grande estátua de mármore nazista, ressignifica o feminino como uma *judia*. Como se sabe, o povo judeu foi o que mais sofreu com a opressão nazista. Enviados para campos de trabalho forçado, escravo e de tortura, eles não tinham opção de escolha e foram assassinados em massa pelo nazi-fascismo. Ao trazer os nomes dos principais campos de concentração nazista, Dachau, Auschwitz, Belsen, para o poema, a autora nos apresenta novas pistas que reforçam a recategorização cognitivo-discursiva do feminino dentro desse contexto de guerra e de submissão que era exigida das mulheres na época em que o poema foi escrito.

E a linguagem obscena / Um motor, um motor / Me cuspiendo como uma judia. / Uma judia com destino a Dachau, Auschwitz, Belsen. / Dou para falar como uma judia. / Vai ver sou mesmo uma judia. / As neves do Tirol, a cerveja clara de Viena / Não são muito puras ou verdadeiras. / Com meu sangue cigano e minha estranha sorte / E meu baralho de Tarô, meu baralho de Tarô / Posso muito bem ser uma judia. / Sempre tive medo de você, / Com sua Luftwaffe, seu linguajar posê. / E seu bigode asseado, / Seu olho ariano, azul forte. / Homem-panzer, homem-panzer, ah, você. (PLATH, 2015, p. 212-213)

Porém, ao se afirmar cigana, sem raízes, o *eu lírico* conduz o processo de recategorização do feminino em direção ao que compreendemos como *Femme Fatale*, a figura

sensual da mulher que é vingativa, da filha que planejou a morte do pai: “Papai, bem que eu quis te matar.”, e que se concretiza nos versos “Se matei um homem, matei dois, vê? –”. Recategorizada como *Femme Fatale*, a figura do feminino estabiliza esse como seu movimento último de autotransformação: “Papai, estamos quites enfim. / O telefone preto desligado da raiz, / As vozes não têm como se infiltrar.” Em resumo, a oprimida, subjugada, tomou o controle e matou os dois homens que a torturaram ao longo de sua vida: “O vampiro que disse ser você / E bebeu meu sangue por um ano, sete / Anos, se você quer saber.” .

Por esta razão, concluímos que a filha e, por metonímia, o feminino é recategorizado cognitivo-discursivamente primeiramente como ente subjugado, um ser que não tem o direito de fala, de olhar para cima ou de igual para igual, porque é de uma *raça inferior* (judia), aos olhos do pai. Na sequência, o feminino é recategorizado como a *Femme Fatale*, a vingança cigana encarnada, que não se sujeita e nem aceita que tomem o controle de sua vida. O pai, por metonímia o masculino, por sua vez, é recategorizado como um *deus opressor*, e, posteriormente, como *líder nazista*.

Esse processo de recategorização, como percebemos, é gradual. Similar ao que fora apontado por Cavalcante e Lima (2015, p. 303), em casos como este "a transformação não se dá pontualmente, mas vai acontecendo à medida que as inúmeras pistas dadas por expressões referenciais ou não ajudam o leitor a compor novos sentidos e novas referências". Concorrem para esse processo pistas textuais-discursivas, mas é no plano cognitivo-discursivo, a partir da concatenação dos elementos que vão se superpondo ao longo do poema, que compreendemos serem definidas as atualizações de sentido até aqui apontadas.

O casamento e a morte

Além da experiência familiar traumática que foi a vida e morte do pai: “Tinha dez anos quando o enterraram”, uma das experiências que podemos perceber no poema em questão é a do casamento, usualmente entendido como o símbolo do amor, da felicidade e da família. Contudo, no poema encontramos uma recategorização que muda também a forma convencional de representação desta aliança. Primeiramente, o eu lírico se mostra perdido, mantendo-se na busca pelo seu opressor. Como não o consegue encontrar, faz um modelo dele: “Com cola foram me refazer. / Então soube o que fazer./ Fiz um modelo de você / [...] Um homem de preto com um quê de Meinkampf”.

Na busca pelo pai, surge o marido, recategorizado não como um companheiro. Como foi feito tal um modelo do pai, ele também é um fascista, opressor que suga a vitalidade do eu

lírico. É por esse motivo que o casamento, tradicionalmente símbolo do amor e da felicidade, é recategorizado como uma *prisão*, usurpação: “O vampiro que disse ser você / E bebeu meu sangue por um ano, sete / Anos, se você quer saber”.

Aqui temos mais um exemplo de que não há uma relação de correspondência fixa entre as palavras e as coisas, segundo Mondada e Dubois (2003) “correspondência dada, preexistente e perdida” (p.108). Nos termos de Cavalcante e Lima (2015, p. 306) "por ter diferentes graus de explicitude, o processo de recategorização pode estar ancorado em elementos fora da superfície textual, isto é, elementos radicados em modelos cognitivos evocados a partir das próprias expressões linguísticas". O que acontece no poema é um processo de recategorização de vários elementos que são desencadeados por expressões eminentemente metafóricas, como se vê nos excertos do parágrafo anterior, por isso não devemos realizar a leitura do texto presumindo que a sua interpretação e coerência se resume à materialidade escrita.

A morte, por sua vez, aparece logo nos primeiros versos do poema “Papai, bem que eu quis te matar. / Você morreu antes que eu tivesse tempo –”. A recategorização da morte acontece de uma forma bem peculiar, porque ela é vista, na maioria das vezes, como algo negativo. Contudo, o que o eu lírico nos traz é uma fuga, a possibilidade de fuga dos problemas, logo, morte é liberdade dentro do poema, algo que vai se confirmando ao longo dos versos.

Em *Papai*, podemos dizer que Plath ressignificou a morte como *liberdade* para o oprimido, logo, o elemento deixa de lado sua carga negativa e passa a ser algo positivo: “E os aldeões nunca gostaram de você. / Eles estão dançando e pisando em você”. Em momento posterior, a morte aparece novamente, sob a forma de *suicídio frustrado*: “Mordeu meu coração em dois lugares./ Tinha dez anos quando o enterraram./ E aos vinte tentei morrer/ E voltar, voltar, voltar para você. / Achei que até os ossos iam querer”.

A mulher volta-se para a criança que foi, ao lembrar que desejou morrer quando seu pai morreu. Ela esperou dez anos para tentar encontrá-lo, o que remete a um fato biográfico: a primeira vez que a autora tentou o suicídio, aos 20 anos. Em agosto de 1953, em Massachusett, Plath cometeu sua primeira tentativa de suicídio, tentando uma overdose com tranquilizantes e se enterrando em baixo do assoalho da casa. A autora foi encontrada três dias depois, pela família. “Mas me tiraram da cama, / Com cola foram me refazer.” Depois da primeira tentativa de suicídio, a poeta ficou seis meses internada em um hospital psiquiátrico, onde recebeu eletroconvulsoterapia. É partindo desse acontecimento que o suicídio passa a ser um dos principais temas de sua poesia.

Dessa forma, podemos perceber que, para a realização de uma leitura complexa desse texto, é necessário que o leitor capte muito além das informações textuais “o conjunto estável

de enunciados significativos transmitidos pela própria língua”, mas também as informações contextuais “identificada como secundária, pois está ligada a algum elemento de maior evidência e que, por este motivo, atrai a atenção do ouvinte/leitor” (BENTES; REZENDE, 2008, p.35). O conhecimento do contexto amplia a leitura e as possibilidades de sentido para o poema, pois o leitor passa a ter um entendimento ampliado durante o processo de interação realizado através da atividade comunicativa.

Retomando os versos, para se libertar, o eu lírico mata não só o pai, mas o marido também: “Se matei um homem, matei dois, vê? –”, dessa forma, ela supera, se liberta: “E eu disse chega, chega de você. / Papai, estamos quites enfim. / O telefone preto desligado da raiz”.

Em resumo, observamos que em *Papai* o casamento deixa de ser entendido como algo belo, sendo recategorizado como algo que aprisiona e fere, completamente negativo, o que comprova o movimento semântico de mudança de pólos no processo de recategorização, já que a ideia renasce com um novo significado. A morte, por sua vez, é recategorizada como libertação para o eu lírico, assumindo-se, em determinadas passagens, como tentativa frustrada de suicídio, o que pode ser percebida como uma faceta da libertação buscada pelo eu lírico, uma vez que ele não a encara como algo necessariamente negativo.

Considerações finais

Apresentamos abaixo um quadro-síntese das categorias, objetos de estudo do texto: o feminino, o masculino, o casamento e a morte. Em seguida, as recategorizações que consideramos pôr em destaque ao longo das análises realizadas através de uma denominação nominal que as resume.

CATEGORIA	RECATEGORIZAÇÃO	PASSAGENS DO POEMA
O feminino	Submissão	De você, sapato preto / Onde vivi feito um pé / Por trinta anos, pálida e pobre / Mal podendo respirar ou espirrar.
	<i>Femme Fatale</i>	Se matei um homem, matei dois, vê?
	Deus opressor	Mármore pesado, saco cheio de Deus, / Estátua pálida de dedo cinza, Sempre tive medo de você.

O masculino	Líder nazista	E seu bigode asseado, / Seu olho ariano, azul forte. / / Homem-panzer, / Um homem de preto com um quê de Meinkampf
O casamento	Prisão	E bebeu meu sangue por um ano, sete / Anos, se você quer saber.
A morte	Libertação	No seu coração preto e obeso tem uma estaca /E os aldeões nunca gostaram de você. / Eles estão dançando e pisando em você. / [...] E eu disse chega, chega de você. / Papai, estamos quites enfim. / O telefone preto desligado da raiz.
	Suicídio frustrado	E aos vinte tentei morrer/ E voltar, voltar, voltar para você. / Mas me tiraram da cama, / Com cola foram me refazer.

Fonte: elaborado pelos autores.

Com o que foi apresentado ao longo das análises, podemos concluir que ressignificação é o produto do processo de recategorização que acontece durante a leitura. Esse processo é dependente da interação de diversos sistemas textuais, cotextuais e contextuais, o que o torna complexo. Não há texto se houver apenas escritor, o texto é uma realização dependente do escritor, do leitor e dos multissistemas existentes entre eles e que os envolvem.

Assim, não podemos focar nossas leituras e análises apenas no que está escrito, no cotexto, pois este é apenas a ponta do iceberg que é o texto. Devemos entender que a coerência, sentido do texto, nasce a partir da interação de diversos sistemas, não sendo algo que existe antes do texto, mas que surge a partir dele.

É importante ainda percebermos que, conforme construímos sentido para o que lemos, esse sentido pode ser, o tempo todo, reconfigurado, atualizado. No texto em análise, partimos de categorias socialmente pré-estabelecidas ou "representações categoriais parcialmente previsíveis, portanto, nossa visão pública do mundo" (CAVALCANTE, 2005, p. 132) que, no decurso da leitura, a partir de processos cognitivo-discursivos, assumem novas facetas, recategorizam-se, emergindo sentidos que vão sendo atualizados mediante a interação entre

texto e leitor. Concluímos, assim, que o texto é vivo: enquanto alguém o processa, ele vive, cresce e se desenvolve, e a percepção dos processos de recategorização é essencial para que o leitor consiga reconstruir esse desenvolvimento contínuo do texto, da sua produção de sentidos.

Os textos possuem ainda cargas subjetivas dos autores, principalmente os confessionais como o de Plath. Por isso, a construção da coerência para textos dessa natureza em muito depende da expansão dos sentidos pelo leitor, depende de que, ao realizar a leitura do texto, ele busque explorar o autor e seus contextos, pois vimos que a autora colocou muito de si na escrita do poema e, sem o conhecimento de alguns desses aspectos, o processo de construção da coerência textual se torna prejudicado.

Portanto, é notável que a leitura do poema, assim como a de outros textos, é um processo que exige a interação de diversos sistemas, não apenas a leitura e o entendimento das palavras escritas ou seus significados denotativos. Isso evidencia que todo texto é um evento, que, lido de forma complexa, mostra-se fecundo de atualização e recategorização dos elementos. Dessa forma, a recategorização dos elementos textuais enriquece, além do leitor e seu conhecimento, o próprio texto.

Referências

BEAUGRANDE, Robert. *New foundations for a science of text and discourse. cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society*. Norwood: Praeger. 1997.

BENTES, Anna Christina. REZENDE, Renato Cabral. Texto: Conceitos, questões e fronteiras [com] textuais. In.: SIGNORINI, Inês. (Org.). *[Re]Discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo: Parábola Editorial. 2008.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore Villaça; MORATO, Edwiges. Maria, BENTES, Anna Christina. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005: 125-149.

FRANCO, Cláudio de Paiva. Por uma abordagem complexa de leitura. In.: TAVARES, Kátia.; BECHER, Silvia.; FRANCO, Cláudio. (Orgs.). *Ensino de Leitura: Fundamentos, práticas e Reflexões para professores da Era Digital*. 1 ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. 2011. Disponível em: http://www.claudiofranco.com.br/textos/franco_ebook_leitura.pdf. Acesso em: 2 fev. 2021.

KOCH, Ingedore Villaça.; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. *DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 14, n.3. p. 169-19, 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/43402/28869>. Acesso em: 7 set. 2022.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes. 2009.

LIMA, Silvana Maria Calixto de.; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. *ReVEL: Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. vol. 13, n. 25. p. 295-315, 2015 . Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/357d083dd43195695b2541a9bde1b43d.pdf> . Acesso em 07 set. 2022.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. *Entre os domínios da metáfora e metonímia: um estudo de processos de recategorização*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFC), 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/8878>. Acesso em: 7 set. 2022.

MONDADA, Lorenza.; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto. 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 2 ed. São Paulo: Parábola: 2008.

PLATH, Sylvia. *Ariel*. 4 ed. Campinas: Verus Editora, 2015.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas: revista de estudos linguísticos*, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo35.pdf>. Acesso em: 7 set. 2022.